ANIVERSÁRIO COMUM

Nós fomos testemunhas. Nós vimos as máquinas revolverem a terra e os homens de todas as cores e de todas as raças, vermelhos de poeira ou de barro. Nós mergulhamos nas valas onde foi instalado o sistema nervoso da cidade. Nós acompanhamos a construção dos edifícios, dos alicerces à cumeeira, da alvenaria à decoração. Nós vimos o suor do trabalho, a lágrima do sofrimento, o espinho da nostalgia, a esperança dos fortes, a alegria da vitória, a fé inabalável dos que acreditaram, o cândido misticismo dos que trabalharam com amor.

Nós somos testemunhas oculares da História. Nós ouvimos a palavra contagiante de Juscelino Kubitschek, nos extasiamos com a genialidade de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, nos empolgamos com a energia transbordante de Israel Pinheiro, nos emocionamos com o espírito

pioneiro de Bernardo Sayão, cuja morte pranteamos.

Nós testemunhamos o recuo gradativo e a derrota final dos descrentes e dos retrógrados, que negavam ao povo brasileiro audácia, energia e imaginação para plantar uma Capital em regiões desérticas. Nós nos lembramos quando, rendendo-se à evidência, mudaram radicalmente de opinião, e passaram a chamar de "obra faraônica" à obra impossível. E nós nos esquecemos deles quando de todo se calaram.

Nós assistimos, com a mudança da Capital, à mudança da mentalidade de todo um povo, que ganhou consciência de sua força e de sua grandeza. Nós vimos o Brasil começar a tomar posse de si mesmo e conhecimento de suas imensas potencialidades. Vimos o despertar da acomodação para a atividade febril, fecunda e criadora. Vimos a aurora anunciar eterno dia. Vimos

a semente do ideal desenvolvimentista ser lançada, vimo-la germinar e a estamos vendo florescer. Vimos a idéia da integração territorial, corporizada na implantação de Brasília, tornar-se a célula-mater dos demais e, por igual, ambiciosos planos integracionistas: o econômico e o social. Vimos o amanhecer de uma nova e grande potência.

Vimos tudo isso. Vimos a mutação das coisas, com o transbordamento, para a realidade, de uma solução urbanística que "nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz".

Mas não nos contentamos só em ver, em olhar, em constatar, em assistir, em testemunhar.

Nós nos engajamos no exército dos candangos. Nós tivemos participação ativa na epopéia da cons-

trução da cidade, e com ela entramos para a História.

Nós, o CORREIO BRAZILIENSE e a TV-BRASILIA, nascemos com Brasília. Chegamos na gestão para surgirmos, a 21 de abril de 1960, já aptos a informar, a comentar, a cumprir a missão de órgãos de comunicação social.

Passados são 15 anos. Anos de luta pela cidade e por seu povo. Anos de permanente atenção a seus problemas, a suas necessidades, a seus anseios. Tudo isso porque somos, simultaneamente, filhos e irmãos de Brasília. Fomos gerados em decorrência de sua implantação mas somos frutos do mesmo ideal. Juntos vivemos os mesmos dramas, choramos as mesmas tristezas, gargalhamos os mesmos risos. Juntos crescemos florescemos, nos afirmamos: Brasília, como cidade e como Capital; nós, o "CORREIO

BRAZILIENSE e a 'TV-BRASILIA, como órgãos de comunicação.

A comunhão entre nós e a cidade tem sido tão estreita que temos vivido em mútua dependência. Ela nos ajudou a crescer e nós a ajudamos na sua expansão. Temos orgulho dela e ela se orgulha de nós, de nossa permanente atualização com as mais avançadas técnicas da informação, de nosso empenho em acompanhar a evolução de seu crescimento, de sua grandeza e de seu "status".

A edição de hoje do CORREIO BRAZILIENSE mais uma prova desse empenho. As cores passam a integrar a impressão, a fim de lhe emprestar mais beleza neste dia de aniversário comum. E o conteúdo é também um texto de aniversário. É dedicado à cidade. Ao seu passado e ao seu presente. Histórico, portanto.

Nestes 15 anos, várias empresas jornalísticas nasceram e morreram.

Nós prosperamos, por certo porque estamos entranhados do mesmo espírito - o espírito da integração nacional, o espírito do desenvolvimento harmônico, o espírito da ocupação dos vazios demográficos. em suma, o espírito brasiliense, cujas armas e cujo brasão são, segundo André Malraux, a audácia, a energia, a confiança.

Nós não tivemos medo da "aventura" de Brasília. Nós corremos com ela na mesma aventura. E por isso venturosos somos, nós, o "CORREIO BRAZILIENSE" e a TV-BRASILIA, neste décimo quinto aniversário, nosso e dela.

O presente que damos à cidade é o nosso propósito de continuarmos a ser seu escudo na defesa e sua espada no ataque. Temos responsabilidades, que a origem comum nos confere, às quais não podemos faltar.

Não faltaremos.